

O CENTENÁRIO DE UMA MULHER QUE AJUDOU A CRIAR BRASÍLIA

Guiomar de Arruda Câmara, cartógrafa, participou da escolha do local.

Jarbas Silva Marques

No dia 15 de agosto de 1997, comemorou-se o centenário de nascimento de Guiomar de Arruda Câmara, uma das figuras mais singulares para a história da escolha do local onde hoje está edificada Brasília, como Capital da República.

Como secretária, revisora e cartógrafa de seu marido, o agrônomo economista Antônio Arruda Câmara, ela participou da redação do Relatório da Subcomissão de Investigações Agronômicas da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil - Comissão Polli Coelho -, em 1947, e que se constituiu na peça mais importante para derrotar o lobby dos políticos mineiros que queriam sediar a Capital da República no Triângulo Mineiro.

Vida - Nascida de uma família de positivistas e republicanos - seu avô, Venâncio Neiva, foi o primeiro governador da Paraíba após a proclamação da República -, Guiomar de Arruda Câmara, desde a sua infância conviveu com os ideais da transferência e da construção da Capital da República no Planalto Central.

Na casa de seu pai, o desembargador Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara, Lauro Muller articulou com positivistas republicanos a inclusão do Artigo 3º na Constituição de 1891 - a primeira constituição republicana - que obrigava a transferência da Capital Federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central Brasileiro.

Este artigo, posteriormente, fundamentou a ação dos mudancistas goianos Americano do Brasil, Evangelino Meireles, Gelmires Reis, Germano Roriz, Segismundo de Mello, Balthazar dos Reis, Joaquim Gilberto e Benedito de Araújo Mello, que por meio de um projeto de lei do então deputado federal Americano do Brasil - que determinou a construção de um marco em Planaltina, por ocasião do Centenário da Independência em 1922 - relançou o movimento pela transferência e construção da Capital, amortecida e sabotada desde a Primeira República.

Berço - Guiomar de Arruda Câmara nasceu no dia 15 de agosto de 1897, em Blumenau, Santa Catarina, - seu pai era desembargador e, à época, os desembargadores eram transferidos por todo o País - e recebeu uma educação esmerada, e além de dominar o francês (linguagem da cultura de seu tempo), tocava piano, desenhava e lera praticamente todos os clássicos da literatura universal, fixando sua predileção na História e na poesia.

Ao casar-se com seu primo, o agrônomo economista Antônio de Arruda Câmara, em 1921, passa a secretariá-lo e apoiá-lo na defesa do seu ideal a favor do cooperativismo como forma de romper o atraso secular da agricultura brasileira.

Antônio de Arruda Câmara passa a ser um dos mais importantes promotores do associativismo rural no País, tendo sempre Guiomar de Arruda Câmara a lhe secretariar e a revisar seus textos e trabalhos no Ministério da Agricultura, e nas revistas "Charrua", "Brasil Agrícola", "Moeda e Crédito", "Rural" e na "A Lavoura", da Sociedade Nacional da Agricultura, a que pertencia desde 1918, orgulhando-se do seu diploma de sócio, assinado por Lauro Muller.

Quando seu esposo é chamado a dirigir o Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, ela o acompanha pelo Brasil a fora na organização das bases do sistema de fomento agrícola e na difusão de novas técnicas de produção, do Rio Grande do Sul ao Nordeste.

O mesmo acontece quando ele participa da fundação e estruturação da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos - CNEC - e na fundação da Escola de Horticultura Wenceslau Belo, no Rio de Janeiro, da qual foi diretor por duas décadas.

Na última entrevista, recordações

Na sua última entrevista, a mim concedida no dia 18 de abril de 1986, Guiomar relembrou a sua participação na Comissão Polli Coelho:

"Em 1946, quando o Presidente Eurico Dutra criou a Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil, foi nomeado o general Djalma Polli Coelho para presidí-la. A comissão foi dividida em cinco subcomissões. Foram indicados para a chefia da Subcomissão de Investigações Geográficas o engenheiro Cristovam Leite de Castro; o engenheiro Artur Torres Filho para a de Estudos Agronômicos, o engenheiro Antônio Carlos Cardoso para a de Energia e o engenheiro Francisco de Souza para a de Climatologia.

Como o doutor Artur Torres adoeceu, Antônio foi indicado como seu substituto na Subcomissão de Investigações Agronômicas.

"Não me lembro a data, mas Antônio chegou em casa e me disse: "Vamos escolher o local para a futura capital do Brasil". Fiquei muito contente e passei a me preparar para a viagem.

"Na verdade, desde a minha infância em Santa Catarina, a mudança da capital para o interior brasileiro era tema das conversas entre meu pai e os colegas de Magistratura, e com políticos, como o doutor Lauro Muller, e também com meu tio, o positivista e republicano Venâncio Neiva.

"Fui então para a Biblioteca Nacional e passei a ler toda documentação a respeito. Eu já conhecia o relatório de Varnhagen e sua viagem ao Planalto Central em 1870. Detive-me nos mapas e nos dois relatórios de Luiz Cruls e, em 1947, Antônio e eu tomamos um avião no Rio de Janeiro com destino a Goiânia.

No aeroporto fomos recebidos pelo agrônomo economista Joaquim Câmara Filho, nosso parente, e que era o Secretário de Economia, já que o governador Jerônimo Coimbra Bueno estava em excursão no Rio Araguaia.

"Depois dos contatos com o doutor Iron da Rocha Lima e com o agrônomo Juvenal Costa, percorremos Goiânia e as cidades próximas. Uns cinco a seis dias depois da nossa chegada, partimos de Goiânia em um automóvel cedido pelo Governo de Goiás e dirigido pelo senhor Geraldo (não me lembro do sobrenome) com destino a Planaltina".

Trajetos - Guiomar de Arruda Câmara narrou em seguida o trajeto percorrido, os depoimentos tomados e as constatações feitas por seu marido, Antônio Arruda Câmara. "Levantávamos de madrugada para redigirmos os relatórios do dia anterior e pouco depois do café, partíamos novamente".

Perguntada sobre o "Encontro das Águas", seus grandes olhos se abriram e quase num estado de êxtase ela falou: "Quando eu fui me preparar para a viagem, na Biblioteca Nacional copiei uns mapas do tempo de José Bonifácio e, como eu já conhecia o relatório de Luiz Cruls, ficou mais fácil saber por onde andaríamos. Cruls tinha falado que as nascentes das três bacias estavam distantes uma das outras 'a um tiro de espingarda'.

"Antônio perseguia desde o Rio de Janeiro a vontade de encontrar essas nascentes. Aliás, ele se bateu, até pouco antes de sua morte, pela criação de um Parque Nacional das Águas Emendadas. Lembro-me de seus artigos em jornais e revistas especializadas nos quais defendia a idéia".

Águas Emendadas conquistou equipe

Além do "Encontro das Águas", Guiomar de Arruda Câmara citou três fatos que sobressaíram nas viagens que efetuaram pelo Triângulo Mineiro e pelo Planalto Central. "Comemos aqui no Planalto Central (em Luziânia e Formosa) pães feitos com trigo plantado na região próxima a Cavalcanti.

"Isso reforçou a opinião de Antônio, que desde o início era favorável à localização atual e não no Triângulo Mineiro, como queria quase a metade da Comissão Polli Coelho, influenciada por Lucas Lopes e que, segundo denúncias à época, representava interesses de grandes proprietários e de especuladores de terras nessa área.

"Antônio era de opinião que não poderia ser a Capital Federal sediada em uma cidade já edificada, o que contrariava mineiros e até goianos, que queriam transformar Goiânia e nela sediar a Capital Federal".

Guiomar de Arruda Câmara citou ainda Gelmires Reis, que "editava em Luziânia um jornal onde ele fazia tudo, reportava, imprimia e vendia. "Hoje, com tantas facilidades de transporte e comunicação, você nem faz idéia do que representava isso".

Outro fato que marcou as lembranças de Guiomar Câmara foi a figura de Bernardo Sayão. "Ele era um homem impressionante. Nós o conhecemos quando fomos pesquisar a Colônia Agrícola Nacional, criada por ele às margens do Rio das Almas. Lembro-me que o pneu do carro em que estávamos furou. Sayão trocou o pneu, e depois, deu-me de presente o prego que o havia furado, dizendo-me que dava sorte. Um fato pitoresco que recordo, é que sua casa não tinha portas, somente cortinas. Além da imagem de desbravador, para mim e Antônio, ficou a lembrança de um excelente pai e esposo, no período que ele e dona Hilda nos hospedaram.

"Nessa época, ele já alimentava a idéia de uma estrada até Belém. Chegou mesmo a nos levar até uma cidade depois de Ceres, da qual não me lembro o nome, e disse que o caminho para Belém teria que passar por ali".

Guiomar de Arruda Câmara foi condecorada como Comendadora da Ordem do Mérito de Brasília em 1986, e morreu em Brasília no dia 10 de setembro de 1987, e está sepultada na Ala dos Pioneiros do Campo da Esperança.

- ♦ Jarbas Silva Marques é Diretor da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal e Membro do Instituto Histórico e Geográfico do D.F.